

CEDI - P. I. B.
DATA 02, 09, 86
UD.

GM 00441

SUBSÍDIOS PARA UMA ANÁLISE
FONOLÓGICA DO MBÁ

MARYMARCIA GUEDES

Dissertação apresentada ao Departamento
de Lingüística do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

CAMPINAS
1983

Registro meus agradecimentos

- * primeiramente a toda comunidade guaraní pela hospitalidade, em especial aos meus informantes, Honório e Jandira, sem os quais este trabalho não teria sido realizado;
- * ao Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, pelo apoio, paciência e dedicação com que orientou esta dissertação, na esperança de ter justificado a sua confiança;
- * aos profs. Dra. Lucy Seki, Dr. Luiz Carlos Cagliari e Dra. Maria Bernadete A. Gnerre pela leitura e sugestões que fizeram ao trabalho;
- * à CAPES que, pela concessão de bolsa de estudo, em parte, financiou a pesquisa;
- * a todos os meus professores da graduação e pós-graduação;
- * a todos os colegas e amigos, especialmente a Adair Pimentel Palácio, Maria Isolete Pacheco Menezes Alves e Oswaldo Luiz Alves, que estiveram presentes em todas as horas;
- * a todos os funcionários do IEL que, de uma maneira ou de outra, auxiliaram-me durante minha permanência na pós-graduação, em especial a João Alexandre pelo paciente trabalho de datilografia.

Aos meus pais:

Nadir e Raul

Aos meus irmãos:

Marisa e Raul

Aos meus informantes:

Honório e Jandira

RESUMO

Este trabalho visa a fornecer subsídios para uma análise da fonologia do dialeto Mbiã, da língua Guaraní, da família Tupí-Guaraní do tronco Tupí, falado em Parelheiros e outras localidades do Estado de São Paulo.

Partindo dos dados fonéticos registrados pela autora, são examinado primeiramente a constituição silábica e a ocorrência de acento de intensidade nas palavras do Mbiã. Propõe-se a distinção de dois acentos de intensidade, um oral e o outro nasal.

Analisa-se a ocorrência e distribuição dos segmentos assilábicos e silábicos e determina-se quais as unidades distintivas na representação fonológica desta língua. São discutidos mais particularmente os segmentos nasais e pré-nasalizados, o contraste entre o segmento [h] pertencente à representação fonológica e o segmento [h] introduzido automaticamente em palavras cujo padrão silábico é $\# - V.^?V \#$ ou $\# - V.^?V \#$.

Uma vez atribuída a nasalidade ao acento de intensidade nasal, a ocorrência de vogais nasais é considerada secundária e superficial.

Autor: Marymarcia Guedes

Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

SÍMBOLOS UTILIZADOS

- # : fronteira de palavra
- + : junção de morfema
- . : fronteira silábica
- : passa a, transforma-se em
- ∅ : zero, ausência de um elemento
- () : Os parênteses indicam a opcionalidade de um elemento
- [] : representação fonética
- // : representação fonológica

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO	pág.
	1.1. Os guaraní no território brasileiro	7
	1.2. Algumas considerações gerais	9
2.	SÍLABA	13
3.	ACENTO	15
4.	FONEMAS	23
	4.1. Matriz Fonética	
	4.1.1. Quadro 1	24-25
	4.2. Segmentos consonantais	26
	4.3. Segmentos Silábicos	38
	4.4. Reduplicação dos Segmentos Silábicos	43
	4.5. Caracterização dos segmentos segundo as suas propriedades fonológicas	45
	4.5.1. Quadro 2	46
5.	CONCLUSÃO	47
6.	BIBLIOGRAFIA	49

1. INTRODUÇÃO

1.1. Os Guaraní no território brasileiro

Os Índios Guaraní estão representados no território brasileiro por três grandes grupos, que são os Nandeva, conhecidos também como Chiripã; os Kaiwã ou Kaiová; e os Mbiã. Os Kaiwã encontram-se no sul e centro do Estado do Mato Grosso do Sul, os Nandeva, por sua vez, encontram-se no Sul do Mato Grosso do Sul, centro do Estado de São Paulo, e ainda, no norte do Estado do Paraná, os Mbiã em várias regiões dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, e até mesmo Rio de Janeiro e Espírito Santo (Schaden, 1974; CIMI, 1979).

No Estado de São Paulo os Mbiã encontram-se dispersos em diversos núcleos na parte oriental do Estado, como Rio Comprido, na Serra dos Itatins, perto de Peruíbe; Rio Silveira, em Bertioga; Rio Branco, perto de Itanhaém; Rio Prómirim, perto de Ubatuba; numa propriedade da Igreja Católica, na estrada de Mboi-Mirim; em Parelheiros. Existem, ainda, famílias isoladas em outras localidades.

Em sua maioria, esses índios são provenien

tes, do Paraguai, de onde chegaram em movimentos migratorios de provável motivação religiosa - a busca da "Terra sem Males" (Schaden, 1974: 170).

O grupo Mbiá que se encontra em Vila Guaraní, a uns dezoito quilômetros de Parelheiros, subdistrito do município de Santo Amaro, é imediatamente proveniente tanto do Posto Indígena de Mangueirinha, município de Mangueirinha, quanto do Posto Indígena do Rio das Cobras, município de Laranjeiras do Sul, no Paraná. Essa vila está localizada em terras particulares, de que foram cedidos cinco alqueires pelo proprietário aos Índios, mas que hoje se acham reduzidos a só dois.

Embora Vila Guarani seja visitada frequentemente por curiosos e seja atingida pelos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, o grupo conserva muito da sua cultura e sua língua.

Nessa localidade foi coletada a maior parte do material lingüístico para a elaboração deste trabalho, fornecido por Honório, que assume uma posição de intermediário entre os Índios e os brancos.

A outra parte do material foi obtida de Jandira, uma Índia que reside com sua família em propriedade da Sociedade Geográfica no sopé do Pico Jaraguá, com acesso pela rodovia Anhangüera.

Além dos dados por nós recolhidos, os quais constituem o corpus deste trabalho, foram utilizados, tamem

bêm, para a análise dos segmentos consonantais [ɣ] e [x], os dados apresentados por Robert Meader (1961).

1.2. Algumas considerações gerais

Esta dissertação é uma contribuição para o estudo das línguas indígenas brasileiras, mais especificamente para o de dialetos que, como o Mbiã e outros da língua Guaraní ainda estão por ser melhor conhecidos. A língua Guaraní, que é o membro mais meridional da família Tupí Guaraní do tronco lingüístico Tupí, compreende um grande número de dialetos falados na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Brasil, de Mato Grosso do Sul ao Rio Grande do Sul. O Mbiã é o mais meridional desses dialetos.

Tratamos de identificar e caracterizar as unidades segmentais mediante considerações distribucionais, levando em conta os consagrados critérios de oposição, contraste, complementariedade e flutuação¹. Consideramos que o importante, numa investigação preliminar como a que nos propusemos, é organizar os dados de modo a obter uma representação sistemática das unidades fonológicas subjacentes à expressão fonética da língua e uma identificação dos principais processos de interação entre aquelas unidades na produção das formas lingüísticas. Uma exploração teórica mais profunda dos fenômenos fonológicos descritos está além de nosso presente propósito.

Outra delimitação deste trabalho decorre de ele concentrar-se sobre a fonologia da palavra. Embora sejam discutidos fenômenos que ultrapassam o âmbito da palavra gramatical - o grupo de acento é o caso mais evidente -, não nos estendemos à fonologia da frase e de entidades maiores. Conseqüentemente, diversos aspectos do que se costuma chamar de "fonologia suprasegmental" não foram abordados. Apenas o acento de intensidade e a nasalidade são considerados mais especificamente, a segunda por achar-se intimamente associada ao acento neste dialeto como em outras formas de Guaraní e por se revelar uma das propriedades fonéticas mais características desta língua.

Krohn, em seu artigo "Underlying Vowels in Modern English" (Glossa 6:2(1972), p. 203-224) sugere que as consoantes pré-nasalizadas, assim como os ditongos do Inglês, tenham o seguinte tratamento"... que os traços distintivos sejam considerados simultâneos (i.e. tautossegmentais) ao nível fonológico, e seqüenciais ao nível fonético..." (p.221).

Segundo Anderson (1974, p.271 - 272), "Em Guaraní (dialeto do Paraguai, cf. Lunt, 1972, para uma descrição na nasalização neste dialeto), as oclusivas pré nasalizadas têm variantes plenamente nasais se a sílaba seguinte da palavra começa com uma oclusiva pré-nasalizada. Isto é típico de outras línguas Tupí-Guaraní e reflete o seguinte processo: uma oclusiva pré-nasalizada nasa

liza a vogal precedente; as oclusivas pré-nasalizadas tornam-se plenamente nasais antes de vogais nasais; e então a nasalidade é eliminada opcionalmente em vogais átonas (quanto mais afastada do acento, tanto mais oral será provavelmente a vogal). Esta forma de assimilação mostra claramente que o mecanismo da nasalidade nas vogais, a pré-nasalização e a pós-nasalização são da mesma natureza, e que deveríamos portanto abandonar o traço [⁺pré-nasal] e tentar operar só com [⁺nasal]."

Mais adiante, o referido autor diz: "Se utilizarmos simplesmente o traço [⁺nasal] para descrever todos esses fatos, fica claro que enfrentaremos uma situação algo semelhante à que já encontramos com respeito ao tom: um segmento unitário pode ter mais de uma especificação para a propriedade. Uma descrição natural desses tipos de segmentos representaria as oclusivas orais como inteiramente [-nasal], e as oclusivas nasais como inteiramente [+nasal], mas as oclusivas pré-nasalizadas como uma seqüência [+nasal] [-nasal] realizada no mesmo segmento, ..." (p.272).

Em nossa análise as seqüências de especificações positivas e negativas de uma mesma propriedade são representadas dentro de um só par de colchetes. Utilizamos o mesmo tipo de especificação seqüencial para outros traços fonéticos que caracterizam segmentos unitários como: [k*], [g*], [č], [ǰ] [-+contínuo], [k*], [g*] [-+ar-

redondado].

N O T A:

1. A flutuação, ou variação livre, possivelmente se correlaciona com fatores de estilo (ou registro) ou de velocidade de fala, os quais não foram investigados.

2. SÍLABA

Os segmentos do Mbîã se encadeiam basicamente em seqüências do tipo [-silábico] [+silábico]. Os segmentos silábicos são i e ï a u o (e suas variantes, que serão consideradas adiante, vide 4.3). Os segmentos assilábicos são [p t č k k* m n ñ ŋ ŋ* mb nd ŋg ŋg* ʝ g* š x h ? b v γ r ã ạ̃ ạ̣̃]. [x] é o único segmento assilábico que não precede nenhum segmento silábico, mas, ao contrário, segue [ï] ou [a] em fim de palavra. Como se verá adiante (p. 41), [x] será interpretado como parte opcional do segmento silábico que o precede, e não como um segmento independente.

As únicas seqüências de segmentos assilábicos são heterossilábicas e têm como primeiro elemento um segmento $\begin{bmatrix} \text{-consonantal} \\ \text{-silábico} \end{bmatrix}$, ạ̃ ou ạ̣̃, precedido por [+silábico] e como segundo elemento um segmento [+consonantal] seguido por [+silábico]: [aïpo'ta] 'eu o quero', [õĩnũ'pã] 'ele bate nele'. Os segmentos $\begin{bmatrix} \text{-consonantal} \\ \text{-silábico} \end{bmatrix}$ só ocorrem diante de um segmento [+consonantal], como nesses exemplos, ou diante de pausa como em [para'kaũ] 'papagaio', [ndo'uĩ] 'ele não vem'.

Qualquer vogal pode ocorrer na posição de [+silábico], constituindo o núcleo da sílaba, e somen

te /i/ e /u/ ocorrem na posição de [-silábico] após o núcleo. Todos os segmentos consonantais ocorrem antes do núcleo.

Na sucessão de sílabas dentro de uma palavra pode seguir-se uma sílaba iniciada por segmento [+silábico] a outra terminada por segmento [+silábico]: [ɔ'ɔ] 'casa', [hũ'ũ] 'é preto', [a'ɔ] 'roupa', [p̃'a'u] 'novo'.

Segmentos silábicos contíguos idênticos em geral resultam de um processo de reduplicação vocálica de palavras cuja constituição básica é monossilábica e acentuada. Nessas palavras há uma descoincidência sistemática entre a constituição silábica fonológica e a constituição silábica fonética (vide p.43-45): ó → [ɔ'ɔ] 'casa', hũ → [hũ'ũ] 'é preto'.

3. ACENTO

Distinguimos neste dialeto morfemas com acento de intensidade e morfemas sem esse acento:

$i+pí$ [i'pí] 'pé dele', na $nʷa+etʷá+i$ [naʃae'šá:] 'não vemos'.

Nas construções acima, só os morfemas $pí$ 'pé' e $etʷá$ 'ver' são acentuados; os demais morfemas não têm acento.

Com uma só exceção, a acentuação ou inacentuação dos morfemas é constante: os morfemas $pí$ e $etʷá$ são acentuados em todas suas ocorrências, independentemente da complexidade das construções gramaticais em que entram; e morfemas como $nʷa$ 'nós (inclusivo)' nunca ocorrem com acento. Todos os morfemas acentuados têm o acento na última sílaba, e têm um só acento.

Os morfemas acentuados são em regra as raízes nominais e verbais, como $pí$ 'pé', $pó$ 'mão', $awá$ 'homem', $iwirá$ 'árvore', $?á$ 'cair', $nʷuká$ 'matar', $pirú$ '(estar) seco'. Há, também, sufixos derivativos acentuados: $-á$ 'agentivo', $-ŋʷatʷú$ 'aumentativo'. Os sufixos flexionais e todos os prefixos são morfemas inacentuados: $-pí$ 'locativo', $-i$ 'negativo', $a-$ 'eu (sujeito)', $mo-$ 'causativo', $ero-$ 'causativo-comitativo'.

As raízes de pronomes pessoais são também acentuadas, mas destas as que são monossilábicas apresentam uma variante inacentuada, clítica em relação à palavra seguinte, em dados contextos: nʸ ané 'nós (inclusivo)', oré 'nós (exclusivo)', mas tʸ é e tʸ e 'eu', né e ne 'você'; peʔ é 'vocês', embora dissilábico, tem uma variante monossilábica e inacentuada pe nos mesmos contextos em que o correm as variantes inacentuadas tʸ e e ne.

As variantes inacentuadas dos pronomes ocorrem como constituinte parcial de uma locução nominal ou verbal (como determinante, como objeto ou como sujeito), ao passo que as variantes acentuadas ocorrem como constituintes únicos de locuções nominais. Por exemplo: tʸ e pō [šeʸ 'pō] 'minha mão', ne pī [nde'pī] 'teu pé', tʸ é aké [še'ε a'ké] 'eu durmo', né tʸ e retʸ á [nde'ε še re'ča] 'você me vê', aʔ é pe retʸ á [ha'ʔε pere'ša] 'ele vê vocês', tʸ é tʸ e kírā [še'ε šekí'na] 'eu sou gordo', né ne waí [nde'ε ndeɣa'i] 'você está zangado'.

Além das variantes inacentuadas dos pronomes pessoais, há pelo menos mais duas palavras proclíticas: na 'não' e ta 'eia!'. Estas palavras são sempre proclíticas e sua vogal é elidida diante de vogal inicial da palavra seguinte: na tʸ e retʸ á [ndačeʸ re'šaj] 'ele não me viu', n oikéi [ndoɣ 'kei] 'não entrou'.

Quando dentro de uma mesma palavra complexa seguem-se dois ou mais morfemas acentuados, o(s) morfema

ma(s) à esquerda têm em geral reduzida a intensidade de sua sílaba acentuada, mas sem que ocorra completo apagamento: $\dot{i}w\dot{i}+at\dot{i}$ [$\dot{i},\underline{u}ia't\dot{i}$] 'monte de terra', $ur\dot{u}+aw\dot{a}$ [$u,\underline{rua}'\underline{u}a$] 'galo (galinha+macho)', $it\dot{a}+?i$ [$i,\underline{ta}'?i$] 'pedrinha' (pedra + diminutivo)', $\dot{i}w\dot{i}r\dot{a}+ku?i$ [$\dot{i},\underline{u}raku'?i$] 'pó de madeira'.

A existência de morfemas acentuados e morfemas átonos acarreta a constituição de palavras que se distinguem foneticamente pela posição em que o acento ocorre: $o\dot{u}pa$ [$o'\underline{upa}$] 'eles vieram?' e $ou\dot{p}\dot{a}$ [$o,u'\underline{pa}$] 'eles vieram todos' $p\dot{e}w\dot{i}$ [$'pe\underline{u}i$] 'para vocês' e $pew\dot{i}$ [$pe'\underline{u}i$] 'vocês se levantaram'.

A vogal da sílaba acentuada pode ser oral, como nos exemplos acima, ou nasal, como em: $t\dot{v}\dot{i}$ [$c\dot{i}'\dot{i}$] 'branco', $t\dot{v}e\ m\dot{e}$ [$\check{c}\dot{e}'m\dot{e}$] 'meu marido'. Em raízes de mais de uma sílaba a nasalidade é mais nítida na sílaba acentuada (que é a última), mas se manifesta também nas sílabas inacentuadas que precedem aquela: $ak\dot{a}$ [$\check{a}'k\dot{a}$] 'cabeça', $tup\dot{a}$ [$t\dot{u}'p\dot{a}$] 'Filho de Deus', $aruk\dot{a}$ [$\check{a}\check{r}\dot{u}'k\dot{a}$] 'costela'. Em palavras constituídas por prefixos (os quais são sempre inacentuados), a nasalidade se estende a estes: $i+m\dot{e}$ [$\check{i}'m\dot{e}$] 'marido dela', $e+i+nup\dot{a}$ [$\check{e}\check{i}\check{n}\dot{u}'p\dot{a}$] 'bata nele', $o+n\dot{v}e+nup\dot{a}$ [$\check{o}\check{n}\check{v}\check{e}\check{n}\dot{u}'p\dot{a}$] 'ele bate em si mesmo'. Estende-se também a palavras inacentuadas, que ocorrem em posição proclítica: $ne\ m\dot{e}$ [$n\dot{e}'m\dot{e}$] 'teu marido', $a?e\ t\dot{v}e\ nup\dot{a}$ [$ha'?e\check{c}\dot{e}\check{n}\dot{u}'p\dot{a}$] 'ele bateu em mim'.

A extensão da nasalidade para as sílabas à esquerda da sílaba acentuada se caracteriza por uma redução progressiva da qualidade nasal: aparentemente, o vêu palatino apresenta menor baixamento nas sílabas mais distantes da acentuada e maior baixamento nesta. Na transcrição dos dados, sobretudo utilizando o gravador, em muitos casos deixamos de perceber a nasalidade em sílabas inacentuadas mais para o início da palavra (incluindo proclíticos). Entretanto, essas sílabas parecem ser sempre nasalizadas, ainda que minimamente, pois nelas ocorrem os alofones nasais das consoantes passíveis de nasalização :
 on^venũpã [õñẽnũ'pã] 'ele bateu em si mesmo', ne kat^võ iporã [ne^vka'šõ^v ipõ'rã] 'tua calça está bonita' (o alofone plenamente nasal do fonema /n/ indica que a vogal que se segue a ele deve ser nasalizada, e assim também a vogal da sílaba seguinte; portanto: ne kat^võ iporã [ne^vka'šõ^v ipõ'rã] 'tua calça está bonita', ne korat^võ [ne^vko^vra'çõ] 'teu coração').

Quando em palavras compostas um morfema com acento nasal é precedido por um morfema com acento oral, a extensão à esquerda da nasalidade oriunda do acento daquele se interrompe imediatamente à direita do acento oral deste: pot^t+porã [po,t+põ'rã] 'flor bonita'. Se ambos os morfemas tiverem acento nasal, ocorre em principio o mesmo, mas a nasalidade, que se reduz gradualmente ao estender-se para a esquerda, é retomada com maior in

tensidade na vogal da sílaba acentuada do morfema mais à esquerda: o+n^vã + porã [o, ñãpo'rã] 'ele corre bem'.

O morfema diminutivo apresenta dois alomorfes, um com acento oral e o outro com acento nasal: ?í e ?ĩ, que se usam em harmonia com o acento do morfema precedente: /itã ?í/ [i, ta' ?i] 'pedrinha', itã ?ĩ [ĩ, tã' ?ĩ] "conchinha".

Em palavras compostas, se o componente à esquerda tiver acento nasal e o componente à direita tiver acento oral e for iniciado por: /p/ /t/ /k/ /k^w/, estes segmentos consonantais se nasalizam parcialmente, realizando-se pelos alofones pré-nasalizados dos segmentos nasais correspondentes ([mb], [nd], [ŋg], ou [ŋg*]).

Exemplos: apekõ 'língua' + pukú 'comprido' → apekõmukú [apẽ, kõmbu'ku] 'língua comprida', tak^wãre?ẽ 'cana de açúcar' + tĩ 'plantação de...' → tak^wãre?ẽnĩ. [ta, k^wãre, ?ẽ'ndix] 'canavial', apĩi '(ponta do) nariz' + k^wã 'buraco' → apĩiq^wã [a, pĩĩ'ŋg*a] 'focinho', omo?ũ 'achatou' + pã 'tudo' → omo?ũna [omõ, ?ũ'mba] 'achatou tudo'.

Não temos exemplos da ocorrência de /t^v/ nesse contexto, mas supomos que seu comportamento seria análogo ao que se dá após o prefixo causativo, isto é, a ele corresponderia a nasal [nd]. (vide pg.seguinte).

Se o elemento de composição que começa por um segmento consonantal [-sonorante,-contínuo] tiver acento nasal, este segmento não é afetado pelo acento nasal do elemento a sua esquerda: akã 'cabeça' + kírĩ'ĩ 'pequeno' — akãkírĩ'ĩ [a,kãkērĩ'ĩ] 'cabeça pequena' reñã 'você corre' + porã 'bem' —> reñãporã [reñãpõ'rã] 'você corre bem'.

Os elementos consonantais [-sonorante,-contínuo]iniciais têm o mesmo comportamento descrito acima quando precedidos pelo prefixo causativo mo- , embora este não tenha acento (nem oral, nem nasal): mo- + kĩ'ã 'sujo' —> moĩ'ã [mõĩgĩ'ã] 'sujar', mo- + pô 'saltar' —> momó [mõ'mbo] 'fazer saltar, atirar'; mo- + t'oró 'rasgar-se' —> [mõndo'rõ] 'rasgar'; mas mo- + pê 'quebrar-se' —> mopẽ [mõ'pẽ] 'quebrar'.

Não só o acento nasal gera nasalidade nas sílabas a sua esquerda, mas também os segmentos consonantais [+ -nasal] o fazem, mesmo quando se situam em sílabas não acentuadas: pinõ [pĩ'ndo] 'palmeira', temi'ũ [tẽmbi'ũ] 'comida', ne renĩwã [nerẽndĩ'ua] 'teu queixo'. Quando o prefixo causativo mo- provoca a nasalização do segmento consonantal [-contínuo, -vozeado] inicial da raiz

que se segue, o segmento consonantal [+ -nasal] resultante atua sobre a sílaba mo- do prefixo, a qual então se realiza plenamente nasal [mõ], ao contrário do que se dá quando precede raízes que não se iniciam por um segmento consonantal [-contínuo, -vozeado], nem têm acento nasal: mo- + kí?ã 'sujo' → moŋí?ã [mõŋgí?ã] 'sujar', mas mo- + ?ã 'nascer' → mo?ã [mbo'?ã] 'botar ovo', mo- + wô 'rachar-se' → mowô [mbo'wô] 'rachar'.

Como se vê, todas as ocorrências de vogais nasais em sílabas átonas podem ser atribuídas ao contexto, isto é, ou se devem à presença de uma vogal nasal na sílaba acentuada que se segue ou decorrem da presença de um segmento consonantal [+ -nasal] à sua direita. Sendo assim, a nasalidade das vogais átonas não é uma propriedade intrínseca destas, mas é o produto de assimilação regressiva e, portanto, não tem nenhuma função distintiva. A ocorrência de vogais nasais em sílabas acentuadas, porém, o põe-se de modo distintivo à ocorrência de vogais orais: [o'kɛ] 'ele dorme' e [õ'kẽ] 'porta', [tu'pa] 'cama' e [tũ'pã] 'filho de Deus'.

Conclui-se que a nasalidade vocálica só é distintiva em sílabas acentuadas. Em outras palavras, a nasalidade vocálica distintiva está intimamente associada ao acento de intensidade. Este fato, conjugado à extensão da nasalidade pelos vários segmentos à esquerda da sílaba

acentuada, sugere um tratamento suprasegmental da nasalidade. Por isso, vamos tratá-la do modo que nos parece ser o mais econômico, definindo-a como uma propriedade do acento de intensidade. Em vez de atribuir a propriedade [⁺nasal] a cada uma das vogais, atribuimo-la unicamente ao acento, distinguindo assim um acento nasal de um acento oral e considerando que a nasalidade das vogais em sílabas acentuadas decorre da nasalidade do acento. Esta última, sim, seria incondicionada e, portanto, uma propriedade de intrínseca do acento.

Em consequência, postulamos dois acentos de intensidade, um oral e outro nasal, que representamos pelo acento agudo e pelo til, respectivamente:

Acento	´	˜
[nasal]	-	+

Exemplo:	okê	[o'kɛ]	'ele dorme'
	okê	[õ'kê]	'porta'
	tupã	[tu'pa]	'cama'
	tupã	[tũ'pã]	'filho de Deus'

4. FONEMAS

4.1. Matriz Fonética

Apresentamos no quadro 1 os segmentos consonantais e vocálicos depreendidos dos dados fonéticos por nós registrados, com a especificação das propriedades fonéticas que os caracterizam.

Na transcrição dos dados lingüísticos foram registrados detalhes que não estão incorporados no Quadro 1, mas aos quais serão feitas referências oportunamente. Para esses detalhes foram empregados os seguintes sinais diacríticos: [e[^]] segmento silábico mais alto que [e], mas não tão alto quanto [i]; [e^v] segmento silábico mais baixo que [e], mas não tão baixo quanto [ɛ]; [e̥] segmento silábico surdo; [ẹ] segmento silábico com nasalização mais fraca que [ẽ]; [e'] segmento silábico longo. Por exemplo:

itã [i'tã[^]] 'concha'

tʸé [ʃe^v'ɛ] 'eu, meu'

?ɸ iporã [ʔɸ'ɪpo'rã] 'a água está limpa' † iporã

on^venupã [o^vɛnũ'pã] 'ele bate em si mesmo'

tʸe aik^vaã [ʃeaj'k*a'] 'eu sei'

nê repitũẽ [nde'ɛ repɸtũ'ẽ] 'você respira'

Existem, ainda, os segmentos vocálicos la ringalizados, que embora, também, não estejam na matriz fonética apresentada, serão descritos e analisados junta mente com o segmento [-consonantal][?], considerando-se o ambiente de ocorrência (vide p.35). Em nossa transcrição utilizamos: [ẹ] segmento silábico laringalizado; [ẹ̃] segmento laringalizado e nasalizado; [ẹ̃̃] segmento silábico laringalizado com nasalidade mais fraca. Por exemplo:

aʔẽ [ha'ʔẹ̃] 'ele'
 remeʔẽ [reme'ẹ̃̃] 'você deu'

4.2. Segmentos Consonantais

Para determinar as oposições fonológicas que se verificam neste dialeto, vamos caracterizar os am bientes de ocorrência de cada um dos segmentos consonan tais.

A especificação das propriedades fonéticas de cada segmento encontra-se no Quadro 1.

Observamos, preliminarmente, que as únicas seqüências de segmentos consonantais que se encontram são de natureza tal, que podem ser interpretadas alter nativamente como segmentos unitários: oclusiva + frica tiva = segmento africado, nasal + oclusiva sonora = seg

mento pré-nasalizado, oclusiva ou nasal + vocóide alto arredondado assilábico = segmento oclusivo ou nasal labializado. Como não há, neste dialeto, grupos consonantais propriamente ditos, consideramos adequado tratar as seqüências acima referidas como segmentos unitários.

Os segmentos [p], [t], [k], se opõem uns aos outros:

at̃ [a't̃] 'monte (de terra)' e ap̃ [a'p̃] 'aqui (advérbio de lugar)'

ip̃ [i'p̃x] 'pé dele', ik̃ [i'k̃x] 'piolho dele' e /t̃/ ['t̃x] 'plantação de'

itã [ĩ'tã] 'concha' e akã [ã'kã] 'cabeça'

kaʔĩ [ka'ʔi] 'macaco' e taʔ̃ [ta'ʔ̃] 'filho'

Atribuimos esses sons aos seguintes fonemas: /p/, /t/, /k/.

O segmento [k*] pode receber pelo menos dois tipos de tratamento: o de considerá-lo como uma seqüência de segmentos, isto é [k] seguido de [ɥ], ou ainda, como um segmento com uma segunda articulação.

Parece-nos apropriado tratar [k*] como uma unidade, como um segmento complexo, visto que dos segmentos consonantais só os velares podem ser seguidos por vocóide assilábico, e o único vocóide assilábico que pode seguir um segmento consonantal é o vocóide posterior [ɥ].

Assim temos:

ik^wã [ĩ'k^wã] 'dedo dele' e akã [ã'kã] 'cabeça'
 k^waraĩ [k^wara'ĩ] 'sol' e karaĩ [kara'i] 'chefe'
 k^waã [k^wa'a] 'saber' e ka[?]ã [ka'ʔa] 'mato'
 a[?]ék^wérĩ [ha,ʔe'k^werĩ] 'eles' e rekē [re'ke] 'você dorme'
 rak^wã [ra'k^wa] 'chifre' e awã [a'ɰa] 'homem'
 k^wē [k^we'e] 'ontem' e kē ['ke] 'dormir'

Atribuimos o segmento complexo [k^w] ao fonema /k^w/.

[b], [d], [g] ocorrem exclusivamente após [m], [n], [ŋ], respectivamente, e diante dos segmentos [+silábico, -nasal]:

moapĩ [mbo'a'pĩ] 'três', monĩrĩ [mõnb'ĩrĩ] 'longe', nē [nde'e] 'você', n^yanē [nã'nde] 'nós', ŋpĩ [ŋgo'opĩ] 'em sua própria casa'.

[m], [n], [ŋ] ocorrem somente diante dos segmentos homorgânicos [+vozeado] (como nos exemplos acima) ou diante de segmentos [+silábico, +nasal]: mitã [mĩ'tã] 'menino', omĩi [o'mĩĩ] 'ele bate (coração)', omanõ [omã'nõ] 'ele morre', ʔaŋĩ [ʔã'ŋĩ] 'agora', ŋokē [ŋõ'kē] 'sua própria porta'. Há, ao mesmo tempo, complementaridade na distribuição dos segmentos [+nasal] e segmentos [+vozeado, -nasal] (os primeiros só diante de segmentos [+silábico, +nasal], os últimos só diante de segmentos [+silábico, -nasal]) e solidariedade entre os

mesmos ([b], [d], [g], só ocorrem em conjunto com [m], [n], [ŋ]. A complementaridade implica em que cada segmento [+consonantal, +nasal] e a seqüência homogênica [+consonantal, +nasal] [+consonantal, -nasal, +vozeado] constituem elementos de um par de alofones de um mesmo fonema. A solidariedade, por sua vez, indica que os dois segmentos que ocorrem em seqüência ([mb] ou [nd] ou [ŋg]) funcionam como uma unidade, a qual, enquanto tal, está em distribuição complementar, diante de segmento [+silábico, -nasal], com os segmentos [m] ou [n] ou [ŋ], respectivamente, que só ocorrem diante de segmentos [+silábico, +nasal]. Se as seqüências homogênicas estão em distribuição complementar com os segmentos simples ([m], [n], [ŋ]), então é mais apropriado encará-las como segmentos unitários complexos, que comportam, ao contrário dos segmentos simples, uma seqüência de movimentos articulatorios característicos dos segmentos [+nasal]: o levantamento do véu palatino, que interrompe a ressonância nasal, dá-se antes da soltura da oclusão oral (nos segmentos nasais simples esses dois movimentos são simultâneos). Trata-se, portanto, do que se tem convencionalmente chamado de oclusivas pré-nasalizadas. O fenômeno pode ser visto como um caso de coarticulação, em que a porção final do segmento nasal se assimila, por antecipação da articulação do

vêu palatino, ao segmento [+silábico, -nasal] seguinte.

Exemplos: ma[?]ẽ → [mba'ʔɛ] 'coisa'
 ne → [ndɛ] 'você'
 ŋóp⁺ → [ŋgo'op⁺] 'em sua própria casa'
 pinã → [pĩ'nda] 'anzol'
 tem[?]ũ → [tẽmbi'ʔu] 'comida'
 moap⁺ → [mboa'p⁺] 'três'

Exemplos de ocorrência dos segmentos plenamente

nasais:

omẽ → [õ'mẽ] 'seu próprio marido'
 ʔaŋ⁺ → [ʔa'ŋ⁺] 'agora'
 mom⁺r⁺ → [mõmb⁺'r⁺] 'longe'
 nupã → [nũ'pã] 'bater'

Podemos dizer, então, que os segmentos +con

nantal , +nasal] estão em distribuição complementar com os segmentos prē-nasalizados e que, por conseguinte, uns e outros são alofones dos mesmos fonemas, os quais representaremos por /m/, /n/, /ŋ/.

/p/, /t/, /k/ se opõem aos fonemas nasais homorgânicos /m/, /n/, /ŋ/:

ipot̄ [ipo't̄] 'sua flor' e imot̄ [ĩmbo't̄] 'fechá-lo'
 opē [õ'pē] 'quebrou-se' e omē [õ'mē] 'seu próprio marido'
 opitã [opi'ta] 'ele fuma' e opinã [opĩ'nda] 'seu próprio anzol'
 tupã [tũ'pã] 'Filho de Deus' e nupã [nũ'pã] 'bater'
 akã [ã'kã] 'cabeça' e ?aŋ̄ [ʔã'ŋ̄] 'agora'

[g*],[ŋ*],[ŋg*] ocorrem, respectivamente, antes de segmento [+silábico, -nasal], antes de segmento [+silábico, +nasal] e entre segmentos [+silábico, +nasal] e [+silábico, -nasal]:

ŋ^wat^yú [g*a'čú] 'veado', n^yaŋ^wã [j'a'g*a] 'cachorro'
 ŋ^waimĩ [ŋ*aĩ'ĩ] 'velha', kãŋ^wé [kã'ŋg*ɛ] 'osso'
 ap⁺iŋ^wã [ã,pĩ'ŋg*a] 'focinho'

Verifica-se, portanto, que [g*],[ŋ*],[ŋg*] estão em distribuição complementar e constituem um só fonema, que representaremos por /ŋ^w /.

/k^w/ se opõe ao fonema nasal homorgânico /ŋ^w/, como se vê nos seguinte exemplos:

rak^wá [ra'k^wa] 'o chifre de'
 n^yaŋ^wá [ʃa'g^wa] 'cachorro'
 raŋ^wê [ra'g^wɛ] 'o pelo de'

[j] e [ñ] ocorrem diante de segmento [+si
 lábico, -nasal] e [+silábico, +nasal], respectivamente:

n^yaŋ^wá → [ʃa'g^wa] 'cachorro', in^yú → [i'j^wu]
 'é amarelo', on^yá → [o'j^wa] 'panela'

Exemplos de ocorrência plenamente nasal:

on^yã → [õ'ñã] 'ele corre', n^yũ → [ñũ'ũ]
 'capim'
 n^yanê → [ñã'ndɛ] 'nós'

[j] está em flutuação com [j̣]:

n^yaŋ^wá [ʃa'g^wa] ou [j̣a'g^wa] 'cachorro',
 n^yat^yɸ [j̣a'ɸɸ] ou [j̣a'ɸɸ] 'lua'.

Assim, [j] e [j̣] encontram-se em variação livre, enquanto [j] e [ñ] estão em distribuição complementar. Atribuímos estes segmentos a um mesmo fonema, que re_{presentaremos} por /n^y/.

[č] e [j] se opõem fonologicamente:

kutʲá [ku'ča] 'colher' e tunʲá [tu'ja] 'velho'
 ŋʷatʲú [gʷa'ču] 'veado' e anʲú [a'ju] 'eu venho'

[č], por outro lado, opõe-se a [t]: itʲã
 [ĩ'čã] 'corda dele' e itã [ĩ'tã] 'concha'

Além disso, [č] e [š] estão em flutuação:
 tʲé [če'ε] ou [še'ε] 'eu', nʲatʲí [ja'čí] ou [ja'ší] 'lua'.

Atribuímos os dois segmentos [č] e [š] ao fonema /tʲ/.

[b],[v],[ɥ], encontram-se em variação livre: tuwitʲá [tuβi'ša] ou [tuvi'ša] ou [tuɥi'ša] 'grande',
 iwírã [iví'ra] ou [iɥí'ra] 'árvore', awã [a'va] ou [a'ɥa] 'homem', heʔéwa [hē'ʔéva] ou [hē'ʔéɥa] 'que é doce'.
 O segmento [ɥ] ocorre, também, em posição final de sílaba depois de segmento [+silábico, -nasal]: parakáw [para'kaɥ] 'papagaio'.

Por outra parte, acham-se em distribuição complementar com [ɥ̃], que ocorre só diante de segmento [+silábico, +nasal]. Por exemplo: nʲavõ [nã'ɥõ] 'cada'.

Atribuímos estes segmentos ao fonema /w/.

O fonema/w/se opõe ao fonema nasal/ŋʷ/:

awã [a'va] 'homem'
 nʷaŋwã [ʎa'gʷa] 'cachorro'
 owewé [obe'be] 'ele voa'
 oŋwé [o'gʷε] 'apaga'

[r] ocorre diante de segmento [+silábico ,
 -nasal] e seu correspondente nasalizado [r̃] diante de seg-
 mento [+silábico, +nasal] e, aí, em flutuação com [r] :
 rupã [ru'pa] 'cama de', pirã [pi'ra] 'peixe', ratã
 [ra'ta] 'fogo de', ratatʷɪ [rãtã'šɪ] 'fumaça de', porã
 [po'rã] ou [põ'rã] 'bonito'.

Esses segmentos constituem o fonema /r/ ,
 que se opõe aos fonemas /t/ e /n/:

pirã [pi'ra] 'peixe'
 apitã [api'ta] 'eu fumo'
 pinã [pĩ'nda] 'anzol'
 tʷerupã [čeru'pa] 'minha cama'
 tʷenupã [šenu'pã] 'me bate'

O segmento [ʔ] opõe-se aos fonemas /p/, /t/,
 /k/: ʔɪ ['ʔɪx] 'água', kɪ ['kɪx] 'piolho' pɪ ['pɪx]
 'pé', tɪ ['tɪx] 'plantação de'. [ʔ] opõe-se também ao
 segmento [+contínuo][h]: ʔɪapũ [ʔɪya'pu] 'trovão'
 hɪekwé [hɪε'kʷε] 'tripa dele'. Distingue-se, ainda, de
 sua ausência: taʔɪ [ta'ʔɪ] 'filho', taɪ [ta'ɪ] 'formi-
 ga', oʔũ [o'ʔu] 'ele come', oũ [o'u] 'ele vem'.

Quando [ʔ] ocorre entre segmentos [-silábico], estes frequentemente, embora nem sempre, são laringalizados: aʔé [há'ʔé] ou [ha'ʔé] ou [há'ʔɛ] 'ele', oʔá [o'ʔa] ou [o'ʔ] 'ele cai', huʔɸ [hu'ʔ+x] ou [hú'ʔ+x] 'flecha dele'. Muitas vezes, especialmente na fala mais rápida ou menos refletida, o segmento [ʔ] deixa de ser realizado, mas os segmentos [+silábico] são laringalizados: aʔé [há'ɛ] 'ele', oʔá [o'á] 'ele cai', heʔē+wa [hɛ'ē̃wa] 'o que é doce'.

Concluimos que o segmento [ʔ] constitui um fonema que representaremos por /ʔ/.

O segmento [h], que só ocorre no início da palavra, por exemplo: hakū [ha'ku] 'está quente', huŋʷɸ [hu'gʷ+x] 'sangue dele', opõe-se a sua ausência: hapō [ha'pɔ] 'raiz dele' e apō [a'pɔ] 'eu pulo', hokē [hō'kē] 'porta dele' e okē [ɔ'kɛ] 'ele dorme', e opõe-se também aos segmentos [+consonantal], por exemplo: hoʔō [hɔ'ʔɔ] 'carne dele' e tʷoʔō [čɔ'ʔɔ] 'carne', heʔē [hē'ʔē] 'é doce' e tʷé [čɛ'ɛ] 'eu', hū [hū'ū] 'é preto' e nʷū [nū'ū] 'capim', hatʷɸ [ha'čɸ] 'dói' e

n^ya t^yř [ja'čř] 'lua', het^yá [he'ša] 'olho dele' e
 ŋ^wet^yá [g^we'ša] 'seu próprio olho', †w⁺rá hapō pukū
 [†y⁺'ra ha'pō pu'ku] 'a árvore tem raiz comprida' e
 †w⁺rá rapō ipirūta [†y⁺'ra ra'pō ipi'ruta] 'a raiz da
 árvore vai ficar seca'.

Há palavras que alternam duas formas, uma
 com [h] e a outra sem [h]; trata-se de palavras dissilábicas,
 que têm a configuração (h)V.ǂŨ, como: [ho'ʔa] ou
 [o'ʔa] 'ele cai', [ha'ʔu] ou [a'ʔu] 'eu o como'. Esta
 alternância ocorre não só quando a palavra tem a configuração
 referida, mas também quando um morfema com essa configuração
 entra como primeiro constituinte de uma palavra composta ou
 derivada. Em qualquer desses casos, o [h] só aparece no início
 de enunciado, ao passo que a forma sem [h] ocorre apenas em
 meio de enunciado.

Assim temos: a^ʔū mani^ʔō [ha'ʔū māndi'ʔo]
 'eu como mandioca', mas t^yé a^ʔū t^yo^ʔō [če'ea'ʔu čo'ʔo]
 'eu como carne', a^ʔé [ha'ʔe] 'ele', a^ʔé k^wér⁺
 [há,ʔé^w'k^wer⁺] 'eles', i^ʔāpua^ʔí [hi,ʔāpu^wá'ʔí] 'tem
 cabelo curto'.

A estrutura morfológica da palavra é irrelevante para a aplicação da regra que introduz o [h], podendo este ser introduzido tanto em palavras morfológica

mente simples, como $\neq a^{?é} \neq \rightarrow [ha'?\epsilon]$ 'ele', quanto em palavras constituídas de mais de um morfema. Assim $\neq a^{?ú} \neq \rightarrow [ha'?'u]$ 'eu o como'.

A conclusão a tirar-se dos exemplos precedentes é que, neles, [h] é introduzido automaticamente, quando uma palavra dissilábica ou o primeiro constituinte dissilábico de uma palavra composta ou derivada, com a configuração $V^{?V}$, se acha no início de um enunciado.

Ao contrário dessa situação, o [h] de palavras como: $hakú$ [ha'ku] 'está quente', $het^{vá}$ [he'ša] 'os olhos deles', $h\dot{t}ék^{wé}$ [h\dot{t},\epsilon'k^{*}\epsilon] 'tripa dele', não depende do contexto fonológico e nunca alterna com sua ausência (não há formas como: * $akú$ [a'ku], * $et^{vá}$ [e'ša], * $\dot{t}ék^{wé}$ [\dot{t},\epsilon'k^{*}\epsilon], mas formas como: $hatap\tilde{t}í$ $hakú$ [hatã'p\tilde{t}ĩ ha'ku] 'a brasa está quente', $a^{?é}$ $kun^{vá}ta^{?í}$ $het^{vá}ra^{?í}$ [ha'?\epsilon kuñãta'?'i he,ša'ra,?'i] 'aquela moça tem olhos pequenos'). Neste caso, as palavras com [h] podem opor-se paradigmaticamente a palavras cujo significado é basicamente o mesmo, mas com determinadas diferenças gramaticais: $het^{vá}$ [he'ša] 'os olhos dele/a' ou 'ele/a tem olhos' distingue-se de $\eta^{wet^{vá}}$ [g^{*}e'šã] 'seus próprios olhos' (por exemplo, em: $a^{?é}$ $\eta^{wet^{vá}}$ $omat^{vá}ukã$ [ha'?\epsilon g^{*}e'ša omašu'ka] 'ela machucou seus olhos') e a $ret^{vá}$ [re'ša] 'olhos de' (por exemplo, em: $t^{vé}$ $ret^{vá}$ [še re'ša] 'meus olhos', isto é, 'olhos de mim') ; $ha\eta^{wé}$ [ha'g^{*}\epsilon] 'as penas dele' ou 'ele tem penas' (por

exemplo, em: urú avá haŋwé porã [u,rua'ya ha'g*ε põ'ra] 'o galo tem penas bonitas') distingue-se de raŋwé [ra'g*ε] 'penas de' (por exemplo, em: urú raŋwé hũ [u'ru ra'g*ε hũ'ũ] 'as penas da galinha são pretas').

Há, portanto, situações em que [h] é um elemento distintivo e, por isso, constitui uma unidade fonologicamente relevante, e há outras situações em que esse som é apenas uma manifestação predizível, determinada pelo contexto fonológico. Neste último caso, trata-se de um fenômeno superficial. No primeiro caso, temos um fonema /h/, que integra a representação básica das palavras.

4.3. Segmentos Silábicos

Os segmentos [+silábico, -nasal] [e] e [ε], por um lado, e [o] e [ɔ], por outro lado, encontram-se em flutuação (variação aparentemente não condicionada): kɪtʷé [kɪ'če] ou [kɪ'çɛ] 'faca', ou [o'u] ou [ɔ'u] 'ele vem'.

Atribuimos esses segmentos aos fonemas /e/ e /o/, respectivamente.

Os fonemas /e/ e /o/ opõem-se fonologicamente aos demais segmentos silábicos, os quais também se opõem entre si, como se vê nos exemplos seguintes:

[e] e [i]: aʔí [ha'ʔi] 'mamãe' e aʔé [ha'ʔɛ] 'ele'
 [e] e [a]: piré [pi'ɾɛ] 'pele, casca' e pirã [pi'ɾa] 'peixe'
 [o] e [u]: tʔeró [ʃe'ɾo] 'minha casa' e tʔe rú [ʃe'ɾu] 'meu pai'
 [o] e [a]: raŋwé [ɾa'gʷɛ] 'pena' e roŋwé [ɾo'gʷɛ] 'folha'
 [i] e [ɨ]: pirú [pi'ɾu] 'seco' e pírú [pí'ɾu] 'sapato'
 [ɨ] e [u]: kamɨ [kã'mbɨ] 'leite' e kamú [kã'mbu] 'mamar'
 [ɨ] e [a]: atʔɨ [a'čɨ] 'dóii' e atʔá [a'ča] 'eu passo'

O segmento [ɨ] ocorre em posição final de sílaba depois de segmento [+silábico, -nasal] e o correspondente [ĩ] ocorre na mesma situação depois de segmento [+silábico, +nasal]: /aipotá/ [aĩpo'ta] 'eu quero', nanʔopói [ndaʔo'poĩ] 'eu não pesco', ramói [ra'mõĩ] 'avô', hatapɨ [hata'pɨĩ] 'brasa'.

Atribuimos os segmentos [ɨ] e [ĩ] ao fonema /i/.

O segmento consonantal [ɣ] ocorre em flutuação (a) com [ɨ] ou (b) com ∅, sempre entre vogais. A flutuação com ∅ só se manifesta quando a vogal precedente é [ɨ]: (a) [aʔa'ɣa] 'eu o corto' que em nossos dados corresponde a [adža'ɣa] e [adžaɨ'a] em Meader; [idža'ɣu] 'ele fala' em Meader corresponde a nosso [iʔaɨ'u] (b) [ʔɨɣa'pu] 'trovão' em nossos dados corresponde a [ɨa'pu] em Meader; [pɨɣa'u] 'novo' de Meader corresponde a nosso [pɨa'u]. Eses

ta situação indica que [ɣ] em (a) é uma variante assilábica de [ɨ], enquanto que, em (b), o mesmo segmento consonantal estabelece uma transição de [ɨ] para a vogal seguinte.

Que [ɣ] seja a contraparte assilábica de [ɨ] é bem compreensível a partir das propriedades fonéticas que ambos têm em comum:

	[ɨ]	[ɣ]
silábico	+	-
contínuo	+	+
vozeado	+	+
alto	+	+
posterior	+	+
arredondado	-	-

Assim sendo, a representação básica dos exemplos acima contém a vogal /ɨ/ e não inclui a consoante [ɣ]: an^vaɨã 'eu o corto', iaɨũ¹ 'ele fala', ?ɨapũ 'trovão', pɨaũ 'novo'.

O segmento consonantal [x] ocorre opcionalmente em posição final de palavra depois de [ɨ] e [a] :
kɨ [ˈkɨx] ou [ˈkɨ] 'piolho', tatã [taˈtax] ou [taˈta]
'fogo'.

[x], que é a contraparte [-vozeado] de [ɣ] constitui, portanto, uma transição de [ɨ] e de [a] para o silêncio. [a] difere de [ɨ] apenas pela propriedade [alto] e ambas diferem de [x] só pelas propriedades [silábico] e [vozeado]:

	[a]	[ɨ]	[x]
silábico	+	+	-
contínuo	+	+	+
vozeado	+	+	-
alto	-	+	+
posterior	+	+	+
arredondado	-	-	-

Assim, consideramos que [x] e [ɣ] são modificações dos segmentos vocálicos /a/ e /ɨ/ em determinados contextos.

Do que foi exposto resulta que devem ser atribuídos à representação fonológica do Mbá os seguintes fonemas [+silábico]: /i e ɨ a u o /.

Existem, entretanto, neste dialeto segmentos [+silábico, +nasal]. Para cada segmento [+silábico, -nasal] há um segmento correspondente [+nasal]. Parte das ocorrências dos segmentos [+silábico, +nasal] independe do contexto segmental e apresenta-se em clara oposição aos segmentos [+silábico, -nasal] correspondentes, como se vê nos exemplos abaixo:

- [i] e [ĩ]: aʔĩ [ha'ʔi] 'mamãe' e raĩ [ra'ĩ] 'dente'
- [e] e [ẽ]: okẽ [ɔ'kɛ] 'ele dorme' e okẽ [õ'kẽ] 'porta'
- [ɨ] e [ɨ̃]: raʔɨ [ra'ʔɨ] 'filho' e raʔɨ̃ [ra'ʔɨ̃] 'semente'
- [a] e [ã]: tupã [tu'pa] 'cama' e tupã [tũ'pã] 'Filho de Deus'
- [u] e [ũ]: oʔũ [ho'ʔu] 'ele come' e hũ [hũ'ũ] 'é preto'
- [o] e [õ]: arekõ [are'kɔ] 'eu tenho' e apɛkõ [ape'kõ] 'Língua'

Como é o caso com os segmentos [+silábico, -nasal], correspondentes, encontram-se em flutuação os segmentos [+silábico, +nasal] [ẽ] e [ẽ̃] por um lado, e [õ] e [õ̃] por outro lado: emẽ [ẽ'mẽ] ou [ẽ̃'mẽ] 'não', opẽ [õ'pẽ] ou [õ̃'pẽ] 'ele se quebra', okẽ [õ'kẽ] ou [õ̃'kẽ] 'porta'.

Como a nasalidade distintiva está sempre associada ao acento, optamos por atribuí-la ao acento nasal (vide pág. 21 e seguinte). Logo, todas as ocorrências de vogais nasalizadas são variantes contextuais das correspondentes vogais orais.

4.4. Reduplicação de Segmentos Silábicos

Ocorrem em Mbá segmentos silábicos reduplicados, como se vê em: tʃĩ [čĩ'ĩ] 'ele é branco', hũ [hũ'ũ] 'ele é preto', ʔɛ [ʔɛ'ɛ] 'água'. A reduplicação alterna com a ocorrência de segmentos simples: tʃe raɪ tʃĩref [šera'i, šĩre'i] 'meus dentes são bem brancos', tanimũ hũref [tãĩ'mbu, hũre'ĩ] 'a cinza é bem preta', ʔɛkwã [ʔɛ'kwã] 'poço'. São reduplicados somente segmentos [+silábico] de palavras monossilábicas acentuadas.

Os pronomes pessoais monossilábicos têm dois alomorfes cada um, um deles acentuado, o outro não acentuado; só o primeiro ocorre reduplicado:

tʃé ainupã mitã [šev'e ajnũ'pã mĩtã] 'eu bato no nenê'
 tʃe raĩ [šera'ĩ] 'meus dentes'
 né tʃe nupã emẽ [ndeʋ'e šenũ'pãẽ'mẽ] 'você não bata em mim'
 ne ràʔɛ [ndera'ʔɛ] 'teu filho'

Assim, a condição básica para a reduplicação de segmento [+silábico], que é um fenômeno fonológico e não gramatical, é que a vogal afetada pertença a uma palavra de uma só sílaba e acentuada: $\neq (C)\acute{V} \neq$ ou $\neq (C)\tilde{V} \neq$. Não são os limites da palavra condicionam a reduplicação desses segmentos, mas também a sua configuração fonológica.

Há, porém, outras restrições à reduplicação, além da exposta acima. A reduplicação não é impedida pelo acréscimo de um sufixo sem acento, como em: $\eta\acute{o}+p\acute{t}$ [$\eta\text{go}'\text{opi}$] 'sua própria casa' (-p \acute{t} sufixo locativo), mas é inibida por sufixos acentuados, como em: $\text{tani}\acute{m}\acute{u} \text{h}\ddot{u}\text{re}\acute{i}$ [$\text{t}\acute{\text{a}}\text{n}\acute{\text{i}}'\text{mbu}'\text{h}\ddot{u}\text{re}'\text{i}$] 'a cinza é (bem) preta' (-re \acute{i} [$\text{re}'\text{i}$] sufixo intensivo).

Prefixos assilábicos também não afetam a reduplicação, como em: $\text{h}\acute{o}$ [$\text{ho}'\text{o}$] 'a casa dele', $\eta\acute{o}$ [$\eta\text{go}'\text{o}$] 'em sua própria casa', $\text{h}\ddot{u}$ [$\text{h}\ddot{u}'\ddot{u}$] 'ele é preto'; mas prefixos silábicos e palavras proclíticas a impedem, como em: $\text{ip}\acute{o}$ [$\text{i}'\text{p}\text{o}$] 'mão dele' (i- + p \acute{o}), $\text{o}\ddot{u}$ [$\text{o}'\text{u}$] 'ele vem' (o- + \ddot{u}), $\text{t}^{\vee}\text{e} \text{r}\acute{o}$ [$\check{\text{š}}\text{e}'\text{r}\text{o}$] 'minha casa', $\text{t}^{\vee}\text{e} \text{r}\acute{o}p\acute{t}$ [$\check{\text{š}}\text{e}'\text{r}\text{o}p\acute{t}$] 'em minha casa'.

Por fim, se o morfema, que constitui o tema de uma palavra monossilábica, entra em composição com outros temas para formar uma palavra polissilábica, a reduplicação deixa de realizar-se: $\text{?}^{\dagger}\text{k}\acute{w}\acute{a}$ [$\text{?}^{\dagger}\text{'k}^{\#}\text{a}$] 'poço' formado de $\neq \text{?}^{\dagger} + \text{k}\acute{w}\acute{a} \neq$ 'água - buraco', $\text{ap}\tilde{\text{t}}\text{i}\eta^{\vee}\text{w}\acute{a}\ddot{u}$ [$\text{ap}\tilde{\text{t}}\text{,}\eta\text{g}^{\#}\text{a}'\ddot{u}$] 'focinho preto' formado de: $\neq \text{ap}\tilde{\text{t}}\text{i} + \eta^{\vee}\text{w}\acute{a} + \ddot{u} \neq$

'ponta do nariz - buraco - preto!

O que se depreende de tudo isso, é que a reduplicação vocálica ocorre só no sentido de evitar a ocorrência de vocábulos fonéticos com um padrão $\# (C) \tilde{V} (CV) \#$ ou $\# (C)\tilde{V} (CV) \#$.

4.5. Caracterização dos segmentos segundo as suas propriedades fonológicas.

Dada a apresentação e os contextos de ocorrência dos segmentos consonantais e silábicos, e observadas as oposições, são especificadas, na matriz que se segue, as propriedades fonéticas que caracterizam todos os fonemas atribuídos à representação fonológica do Mbiã.

NOTA :

1. Analogamente a $[\gamma]$ ocorre a inserção de $[\jmath]$ no contexto : $i + V$. Assim: $i + :a\acute{u}$ $[i\jmath a\acute{u}]$ 'ele fala'.

5. CONCLUSÃO

Pouco há a concluir num trabalho descritivo. Cabe, entretanto, assinalar o que nos parece ser a contribuição de nosso exercício descritivo:

a) A adoção de especificações complexas , seqüenciais, do traço [±nasal] permite um tratamento mais adequado dos segmentos pré-nasalizados que, em Guaraní , têm caráter nitidamente unitário.

b) A extensão do mesmo tratamento a outros segmentos unitários complexos, como os africados [tʃ] e [dʒ] e os labializados [kʷ], [gʷ] e [ŋgʷ] é a consequência natural da admissão de seqüências de especificação tau tosegmentais.

c) A associação da nasalidade com o acento de intensidade possibilita uma descrição simples de propagação da nasalidade. Reconhecido o acento como uma propriedade intrínseca dos elementos lexicais do Mbiá, a oposição básica entre sílaba acentuada oral e sílaba acentuada nasal é tratada também como lexicalmente dada. Essas sílabas acentuadas condicionam a nasalidade (e a oralidade) das sílabas átonas situadas dentro de um mesmo grupo de acento, isto é, dentro do domínio do acento lexical.

d) O Mbã não comporta a produção de palavras fonéticas monossilábicas e transforma em dissílabos fonéticos as palavras cuja representação fonológica contém uma só sílaba. Este fato acarreta descoincidência entre o número de sílabas no plano fonológico e no plano fonético.

e) Existem palavras que alternam duas formas, uma com e outra sem [h]; Trata-se de palavras dissilábicas, que têm a configuração $\# - V.^? \checkmark \#$ ou $\# - V.^? \checkmark \#$. A alternância se dá na medida em que a forma com [h] só aparece no início de enunciado e a forma sem [h] ocorre apenas em meio de enunciado.

6. BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Stephen R. 1974. The Organization of Phonology.
New York: Academic Press, Inc.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. 1979. "Os guaraní no
Sul e Sudeste do Brasil". Documento de Trabalho,
Curso de Dourados-MS, mimeografado.
- HYMAN, Larry M. 1975. Phonology: Theory and Analysis. New
York: Holt, Rinehart and Winston.
- KROHN, Robert. 1972. "Underlying Vowels in Modern English",
Glossa 6(2): p. 203-224.
- MEADER, Robert. 1961. "Guaraní Phonemics: Dialect of Rio
das Cobras", mimeografado, Summer Institute of
Linguistics, Brasília-DF.
- RODRIGUES, Aryon D., e Marita P. Cavalcanti. 1982. "Assi-
milação Intrassegmental em Kaingáng". Comunica-
ção apresentada na 34^a Reunião Anual da SBPC,
Campinas, SP.

RODRIGUES, Aryon D., e Marymarcia Guedes. 1980. "Regras Fonológicas Condicionadas pela Configuração da Palavra em Mbiã". Comunicação apresentada na XII Reunião Brasileira de Antropologia, Rio de Janeiro-RJ.

SCHADEN, Egon. 1974. Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.